

A escola de que se fala e a escola em que se vive

Barbara Leme Perez barbara.leperez@terra.com.br

Por uma pesquisa qualitativa realizada durante doze visitas à uma escola municipal regular de educação infantil, que atende crianças entre três a seis anos, na cidade de São Paulo; pode-se conhecer a realidade cotidiana do contexto Institucional e as questões da alteridade. Tendo como objetivos identificar e compreender as relações afetivas e os vínculos intelectuais entre os pares, através das práticas educacionais na/da Instituição Escolar.

A escola é um espaço que investiga o sujeito biopsicossocial que pela Educação possibilita a entrada da criança em um universo de valores de aceitação do outro, enquanto sujeito. Segundo Freire (2004) a escola, por meio dos educadores, tem como função promover a educação e o desenvolvimento do indivíduo, transformá-lo em cidadão consciente e atuante. Para isso o educador deve ser habilitado e sentir-se capacitado no exercício de seu trabalho a transmitir conteúdos e conhecimentos, nos quais estão implícitas questões de ordem da construção da subjetividade humana tais como: afetos e valores moral-éticos de forma saudável; previsto no contrato pedagógico.

Pelas relações afetivas e seus vínculos intelectuais entre os pares constatou-se: os educadores ao lidarem com os alunos transferem suas falhas, seu mal-estar e seu sofrimento de forma ambivalente. Os professores estão descrentes, desamparados; não mostram tolerância, integração e inclusão e freqüentemente usam achismos, rotulando e estigmatizando, para assim classificarem os alunos como sintomas; torna-os docilizados, alienados e considerados culpados pela escola. Em decorrência desses fatores, transpõem sua função esquecendo-se do sujeito em questão: o aluno. Promovem saúde psíquica e o desenvolvimento das potencialidades humanas?

Instituição:

Universidade São Marcos

Eixo Temático:

Interfaces com Educação e outras áreas